

LEITURA E (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: OLHARES E PERSPECTIVAS

READING AND IDENTITIES (RE)CONSTRUCTION: VIEWS AND PERSPECTIVIES

Janaina de Souza Cordeiro **1**

Geam Karlo-Gomes **2**

Silvio Nunes da Silva Júnior **3**

Resumo: Este artigo traz reflexões sobre as práticas de leitura em processos de construção identitária nos diversos espaços de circulação da leitura. À luz da literatura produzida sobre o referido tema, adotou-se a seguinte questão norteadora: como as práticas de leitura podem sensibilizar a construção e formação de identidades? Com base nessa indagação, o objetivo deste estudo é identificar, na literatura específica, os estudos acerca das práticas de leituras para estimular a construção e formação das identidades dos sujeitos leitores. A pesquisa se baseia numa análise bibliográfica, dentro da abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de uma revisão integrativa. Constatou-se que a leitura, em ambientes diversos, entendida como prática social, pode ser um valioso instrumento para que os sujeitos possam pensar sobre si, sua realidade, e (re) construir identidades, contemplando movimentos de visibilidade e resistência às adversidades.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Identidade.

Abstract: This paper aims to reflect on the reading practices in identity construction processes in the various reading environments. In the light of the literature produced on the theme, the leading question on this paper is: how the reading practices may sensitize the construction and formation of identities? Based on this inquiry, the objective of this paper, based on the specific literature, to identify studies on reading practices to stimulate the construction and formation of the readers identities. The research is underpinned on a bibliographic analysis, through the qualitative approach inside an integrative review. It was observed reading, in various environment, as social practice could be a valuable instrument for subjects to think about themselves, their reality and (re)construct identities, contemplating movements as the visibility and the resistance to adversities.

Keywords: Reading. Literature. Identity.

-
- 1** Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Especialista em Língua Portuguesa, Saberes e Práticas da Língua Portuguesa, Graduada em Letras/Português e suas literaturas pela UPE. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7515335118945063> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4007-9732>. E-mail: Jannayna.day@gmail.com
 - 2** Professor do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Rede Nacional, Universidade de Pernambuco – UPE. Líder do ITESI (UPE/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6941717348545116>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9569-1497>. E-mail: geam.k@upe.br
 - 3** Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com pós-doutorado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e na Universidade de Pernambuco (UPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0879864383265157>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X>. E-mail: silvio.nunesj@upe.br

Introdução

A leitura apresenta um universo de possibilidades para o contexto da sala de aula, que vão desde práticas para o letramento do sujeito leitor às leituras de fruição para deleite – o prazer estético – despertando sensações, sentimentos e imaginação. Desta forma, este trabalho propõe pensar as práticas de leituras como construção de significados a partir do texto, revelando significações sobre si, sobre sua cultura e sua identidade, uma vez que a literatura nos faz refletir sobre nossa condição, enquanto sujeitos sociais, desenvolvendo a percepção sobre o mundo e as coisas que o circunda.

Para Candido (2004, p. 175), “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática”. A leitura literária, assim, aguça os conflitos e põe em xeque as representações impostas pela sociedade, num movimento dialético de aceitação/negação e reconstrução da realidade. Ela combate preconceitos estabelecidos e discute as diversas identidades, à luz dos reflexos do texto sobre o leitor e da visão do leitor sobre si e seu lugar estabelecido no mundo.

Ao se deparar com as práticas de leitura, subsidiadas pelas temáticas identitárias, o indivíduo passa por um processo de resignificação, construindo posicionamentos a partir do reflexo da leitura sobre seu espaço de visibilidade. Para Rouxel (2012, p. 278), “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência”. As vivências de leituras comprometidas com a realidade social propiciam ao leitor uma postura ativa, crítica e consciente frente à realidade em que vive e atua. Desenvolver práticas de leitura deve ser um ato político de reexistências e insurgências. Um ato que orienta suas escolhas, que nos constitui enquanto gente, enquanto cidadãos. Conforme Freire (2017), ler implica uma percepção crítica da realidade, reescrevendo-a, transformando-a, conduzindo o homem a sua emancipação, redesenhando o meio ao qual está inserido.

A construção deste objeto de pesquisa se dá pela inquietação em discutir as possibilidades de utilizar as práticas de leituras como abordagens às diversidades e identidades no contexto escolar, uma prática que, para além dos muros da escola, considera o ser humano, suas especificidades, sua história, com um olhar sensível às múltiplas identidades.

Nesse propósito, faz-se necessário uma busca pelos trabalhos que demonstrem experiências sobre a leitura como iniciativa para pensar a formação e transformação das identidades nos diversos contextos sociais. Destarte, a questão-problema que direciona este estudo é: como as práticas de leitura podem sensibilizar a formação e transformação das identidades?

A relevância desta proposta se faz pertinente por apresentar outros olhares sobre as potencialidades das práticas de leituras que refletem sobre as construções identitárias, que venham garantir a valorização da sua cultura, das suas origens e sobre o se construir e se pensar, enquanto sujeitos sócio-histórico-cultural. Nesse cenário, reconstruir identidades é propiciar um ambiente que acolha os diversos grupos sociais, levando-os a compreender-se como sujeitos potencialmente inseridos nos diversos espaços, parte de uma história e construtores da sua cultura.

Por conseguinte, este estudo tem como objetivo identificar, na literatura específica, os estudos acerca das práticas de leituras para estimular a formação e transformação das identidades dos sujeitos leitores. Dessa forma, analisa-se, aqui, as práticas de leitura para sensibilizar a formação e transformação das identidades a partir de uma revisão integrativa da literatura.

Outra relevância deste estudo está pautada na necessidade de propiciar aos sujeitos, ações que possibilitem compreender a celebração móvel¹ das identidades, ou seja, fazer com que esses se percebam nas suas múltiplas identidades e como seres em constante transformação. Por este viés, uma das funções da leitura é fazer refletir sobre si, seu espaço e sua cultura. Essa reflexão se dá pela identificação ou aproximação do texto lido com suas vivências, sua história e pertencimentos. A leitura, assim, torna-se uma experiência de socialização do “eu” com o texto e com os diversos “eus” que se entrelaçam no momento da leitura.

Nessa perspectiva, mediar as práticas de leituras no viés das construções identitárias significa contribuir para a formação do sujeito crítico, como agente ativo na reconfiguração da vida social, pela compreensão e intervenção no mundo a partir do entendimento de si e de suas identidades.

¹ Termo utilizado por Hall (2006, p. 13), para conceituar a identidade do sujeito pós-moderno como processo que se forma e transforma continuamente.

Na busca pela inquietação da pesquisa, elenca-se como caminhos, a busca por trabalhos que atrelam as práticas de leituras e a construção das identidades nos diversos contextos sociais, enfatizando a busca por práticas desenvolvidas na escola. Tendo em vista que essa é considerada um lugar privilegiado de leituras, já que todo conhecimento é norteado pela linguagem e suas interações.

Assim, pretende-se trilhar uma linha de pesquisa abordando a leitura como processo de construção de sentidos, tendo como pilares as concepções de Bakhtin (2006), por entender o texto literário como lugar de interação, em que se articula as diversas vozes sociais. Freire (2017, 2004), Lajolo (2011), Petit (2009), Candido (2004), Rouxel (2012), Hall (2006, 2008), que contribuem amplamente para o referencial teórico.

Para tanto, além da introdução e das considerações finais, este trabalho apresenta os seguintes tópicos: práticas de leituras: um olhar sensível para o sujeito e sua realidade social, que fundamenta as discussões sobre o tema abordado; metodologia, que traça os caminhos para a realização da pesquisa; e, por fim, os resultados e discussões, que apresentam os diversos olhares sobre as práticas de leituras, a partir dos estudos analisados.

Práticas de leituras: um olhar sensível para o sujeito e sua realidade social

O ato de ler é um processo dialógico em que o leitor constrói significados a partir da interação com o texto e sua efetivação se dá pelo envolvimento do sujeito com as suas experiências sócio-históricas e culturais. Assim, a leitura, considerada como atividade interativa, suscita a visão dialógica, na qual “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (Bakhtin, 2006. p. 66). A leitura, dessa maneira, passa a desvelar as subjetividades do leitor, pressupondo uma atitude responsiva na construção e na transformação da realidade social ao qual está inserido.

Nessa linha de pensamento,

em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica (Bakhtin, 2006, p.66).

Compreende-se a leitura como ato enunciativo dialógico que proporciona ao indivíduo uma experiência que desenvolve sua humanidade e promove uma autonomia crítica, desenvolvendo novas formas de ver e perceber o mundo.

Para Candido (2004, p. 180), a leitura literária “satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles”. Compactuando com a ideia de que a leitura enquanto prática social, que tem a função de integrar o indivíduo ao seu contexto, num processo de reconhecimento e identificação desse ao meio social, é urgente que as práticas de leitura suscitem a reflexão, para construção e transformação das diversas identidades.

Entende-se, aqui, identidade como reconhecimento do processo de transformação do que somos, da nossa história, das nossas lutas internas e nossa cultura, e como essas representações estão socialmente representadas, refletindo sobre o que está estabelecido e seu ponto de tensão para o novo, que emerge todos os dias. Assim, pensar sobre identidades tem a ver com a construção do que podemos nos tornar e como essas representações afetam nossa forma de autorreconhecimento e reconstrução, admitindo um conceito posicional (Hall, 2008).

De acordo com Hall (2008), o sujeito pós-moderno é caracterizado pelo declínio de uma

identidade única, fixa e permanente, abrindo espaço para um sujeito fragmentado, que assume diferentes identidades, em diferentes momentos. Uma identidade descentrada de um “eu” coerente e previsível, que provoca uma mudança estrutural na sociedade. Desse modo, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 2008, p.13).

Nesse cenário, para atrelar a leitura à transformação das identidades é preciso buscar um caminho para aproximar a identificação entre leitor-texto-contexto, um alento para as mudanças. Não que se possa ou deva evitar as descontinuidades, mas pela leitura, propõe-se a reflexão sobre os conflitos internos que se percebem no comportamento social do sujeito, para o entendimento da crise que se instaura.

Para Petit (2009), a leitura, mesmo nos ambientes não formais, desperta nos sujeitos leitores a sua cota de resistência às adversidades, aos processos de marginalização, e, além disso, a busca por novas possibilidades, aguçando o sonho, despertando um caminho privilegiado de se pensar na oportunidade de buscar suas referências e se construir enquanto sujeito de voz; abrindo, também, espaço para construir uma identidade aberta e não excludente. Uma identidade aberta constitui uma abertura às mudanças, ciente das inúmeras transformações as quais um sujeito possa evoluir ao longo da sua vida. A leitura sugere, então, uma abertura ao novo, a novos posicionamentos com acesso aos diversos grupos sociais.

Sob essa perspectiva, a escola enquanto espaço que promove o acesso ao conhecimento para a autonomia, inclusão e igualdade, reconhece a leitura como elemento imprescindível à formação identitária do sujeito; uma vez que a leitura pode representar e fazer pensar a vida social e individual, a partir de uma prática orientada, intencional, crítica e consciente, mediada pelas práticas pedagógicas escolares. Dessa maneira, as práticas pedagógicas escolares não podem estar desvinculadas da vida dos estudantes, estanques. Entretanto, devem fazer refletir a realidade.

Embora a escola reconheça a importância das práticas de leituras para a constituição do indivíduo para elaborar e reelaborar sua concepção sobre o mundo e sua vida, essas práticas não se encerram na escola e para escola. Essa instituição constitui um espaço condutor de desenvolvimento das habilidades leitoras. Reflexão que Lajolo (2011, p. 07) conduz ao questionar sobre a intrínseca relação entre “mundo da leitura e leitura do mundo: onde acaba um e começa a outra?”. Sobre esse aspecto, a pesquisadora acrescenta:

Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola (Lajolo, 2011, p.7).

As práticas de leituras adquirem uma dimensão social, que em decorrência do prazer possibilitado contato com o texto, apreende-se o mundo para melhor viver. E, por essa compreensão, o leitor amplia sua visão de leitura, num movimento constante de aprendizagens, em que as leituras e o mundo se entrelaçam para construir sentidos sobre si e as realidades.

Ao incitar a reflexão sobre as práticas de leitura em uma perspectiva social, não podemos nos distanciar das contribuições de Freire (2017), que evidencia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, como elemento indispensável para a construção de um sujeito crítico, reflexivo, que interage em seu contexto de vivências e está aberto às transformações identitárias que a estrutura social moderna impõe.

Conforme Freire (2004), toda ação educativa precisa, antes de tudo, ser uma prática de transformação da realidade; uma prática que exige respeito às especificidades dos estudantes, seu contexto de vida, e assim, suas identidades. Por assim pensar, os direcionamentos a partir das práticas de leituras devem conduzir um pensar ético, de reconhecimento do ser, como indivíduo de potencial positivo socialmente, que deve ser reconhecido pela sua história, pela sua cultura e pelas contribuições que realiza na construção social.

Metodologia

Esta pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir de uma revisão integrativa, sintetiza os resultados de vivências realizadas em estudos anteriores sobre as práticas de leituras no viés identitário, por meio de levantamento bibliográfico. De acordo com Souza (2010, p.103), “a revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto”. Desta forma, articula as diversas publicações conduzindo a um conhecimento ampliado sobre o aspecto estudado.

A busca dos estudos mais recentes constituiu em consulta às principais bases de dados de periódicos: Capes, SciELO e Google Acadêmico. Para esta pesquisa, foram utilizados os termos a seguir com o operador booleano AND: “leitura” AND “literatura” AND “identidades” AND “escola”. Os critérios de inclusão foram: recorte temporal nos últimos cinco anos, assim, de 2017 a 2022; ii) texto integral disponível em formato eletrônico, gratuito e redigido em português; iii) presença dos termos de busca no título; e iv) ser compatível e dialogar com o objetivo da pesquisa, isso é, contemplar as práticas de leituras e as relações dessas com a construção da identidade no contexto escolar e nos diversos ambientes sociais.

No total, foram selecionados: 1 artigo na biblioteca digital SciELO, 5 artigos na Plataforma Capes e 2 artigos pelo mecanismo de busca Google Acadêmico, totalizando 8 artigos (Quadro 1).

Quadro 1. Artigos selecionados para a revisão integrativa da literatura

Portal de periódico	Artigos selecionados
Capes	05
Google acadêmico	02
SciELO	01

Fonte: Autores

Quadro 2. Sistematização dos artigos selecionados

Base	Título do artigo	Autores	Periódico e dados do artigo	Objetivo
Plataforma CAPES	A leitura literária como travessia para um educar poético	Taís Salbé Carvalho; Antônio Máximo Gomes Ferraz	Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v. 10, n. 2, jul/dez 2019 (ISSN 2179-3948 –online)	Tratar da leitura, mais especificamente da leitura literária, e como essa atividade pode conduzir o leitor à busca de si mesmo por meio do que estamos chamando de Educar Poético, um educar que vigora no acontecer da linguagem.

Plataforma CAPES	Venho aqui para existir: um exercício de leitura acerca das relações entre biblioteca pública, sociabilidade, enraizamento e identidade	Fabício José Nascimento da Silveira; Alcenir Soares dos Reis	Perspectivas em Ciência da Informação, v.22, n.4, p.114-139, out./dez. 2017	Analisar a participação das bibliotecas públicas no processo de elaboração intersubjetiva de referenciais identitários, tendo como aportes teóricos os conceitos de identidade, enraizamento e sociabilidade
Plataforma CAPES	Entre letramentos e a construção de identidades: o texto literário amapaense nas aulas de língua portuguesa	Francesco Marino; Lílian Latties; Juliana Leão Cardoso	Work. Pap. Linguíst., 21(2), Florianópolis, mai./ago., 2020	Analisar como os professores inserem os textos da literatura amapaense nas aulas de língua portuguesa, compreendendo como tais textos são explorados nas escolas, além disso, discutir como a literatura amapaense pode favorecer à (re)construção e a negociação das identidades dos alunos.
Plataforma CAPES	O papel da leitura na (re)construção da identidade da criança migrante: o exemplo de Pássaro que voa, de Claudio Hochman	Juliana Garbayo dos Santos	Revista de la Red de Universidades Lectoras (la revista) - Álabe nº23 enero-Junio 2021	Refletir sobre o papel da leitura como ferramenta de resiliência e reconstrução identitária perante os desafios psíquicos suscitados pela migração.

Plataforma CAPES	Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância: implicações para a formação identitária e a constituição das crianças como sujeitos sociais e de conhecimento	Eliziane Gorete Kielb, Ivone Maria Mendes Silva	Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 18, p. 9-30, 2020	Analisar as percepções de professoras que atuam na educação infantil, assim como das crianças com quem trabalham, sobre as possíveis influências que os contos podem exercer sobre a construção da identidade infantil.
Google Acadêmico	Linguagem e letramentos de reexistência: exercícios para reeducação das relações raciais na escola	Ana Lúcia Silva Souza	Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE V. 8, N. 2, ano 2016 - Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis	Discutir os imbricamentos entre linguagem e relações raciais na escola, destacando a importância de considerar, nas interações que se estabelecem em sala de aula, as identidades dos sujeitos no exercício cotidiano da construção de conhecimentos, o que venho nomeando como letramentos de reexistência.
Google Acadêmico	A leitura uma ferramenta emancipadora: na busca pela igualdade de gênero	Verônica Souza Paula, Reginete Sabino de Macedo	REVES - Revista Relações Sociais, Vol. 04 N. 03 (2021) https://periodicos.ufv.br/ojs/revs	Compreender como as práticas de leituras podem servir de ferramenta na busca por igualdade de gênero, além de descrever o papel da leitura no contexto de lutas por igualdade, e, utilizar a leitura para mudar o olhar das pessoas, na compreensão do seu papel no mundo.

SciELO	A construção de identidades étnico-racial em eventos de letramento numa escola pública municipal de São Paulo	Claudia Lemos Vovio; Estevão Armada Firmino	Medellín May/ Aug. 2019	Focalizar a mediação de processos de construção de identidades, em especial àquela que diz respeito à condição étnico-racial dos/as alunos/as, por meio da análise da dinâmica discursiva e dos elementos que constituem tais eventos.
--------	---	--	----------------------------	--

Fonte: Autores

Para a análise dos dados foi utilizada a análise textual discursiva, em que foram definidas 3 categorias: espaço de desenvolvimento das práticas de leitura, relação entre leitura e identidades, concepção de leitura utilizada na abordagem identitária. Essas categorias reúnem as principais informações a serem extraídas dos estudos selecionados, visando sua correlação com a questão norteadora. Porém, as falas não são limitadas pelas categorias, apenas são norteadas, podendo aparecer outros pontos relevantes à pesquisa, traçando um panorama sobre a leitura e suas intrínsecas relações com a (re)construção das identidades, elencando a partir das produções científicas, os diversos olhares sobre o tema em estudo.

Resultados e discussões

Na amostra coletada, observou-se como as práticas de leituras podem ser trabalhadas para intervir na formação e transformação das identidades, de forma que sensibilize os estudantes a partir da leitura, para que sejam sujeitos construtores da sua própria história, interferindo-a e transformando-a.

Sobre as relações entre leituras e identidades, observou-se no primeiro momento as recorrências nas palavras chaves, em que, dos oito trabalhos analisados, quatro traziam “identidade”, três “leitura”, quatro “literatura”, e três, “letramento”. Assim, mesmo nos textos que não aparecem leitura e identidade como elemento primordial da discussão, essas perpassam a tessitura do texto.

Em determinado momento, as abordagens trazem as questões do letramento como prática social, como aponta Lemos Vovio e Armada Firmino (2019, p.6), “as práticas de letramento, que têm lugar na esfera escolar, têm o potencial para reafirmar (ou não), reconhecer ou produzir conflitos sobre identidades”. Em outros instantes, apresenta-se a literatura como caminho para a construção e reconhecimento das identidades, como afirma Carvalho e Ferraz (2019, p.270):

Esta conduzirá o leitor a construir-se como ser humano, visto que esse passa a dialogar com a obra, recriando tempos, espaços, imagens, fazendo com que a própria narrativa lida passe a ser incorporada à sua vida.

Encontra-se, também, Santos (2021), que aborda a leitura literária como caminhos para desafios psíquicos para trabalhar questões disruptivas, como traumas e lutos, mas especificamente, o trabalho parte do processo de migração.

A seguir, apresentam-se nos tópicos seguintes, as categorias que nortearam a análise proposta, com vistas a pontuar as questões que responderam à problemática elencada no trabalho.

Os espaços de desenvolvimento das práticas de leitura

A leitura, enquanto atividade interativa, que media as relações entre os sujeitos para a compreensão da sua realidade, está presente nos diversos espaços sociais. Porém, cabe refletir sobre como as práticas de leituras podem ser intencionalmente orientadas para que possam tocar as identidades dos sujeitos leitores, e ainda, em quais espaços essa prática leitora, no viés identitário, torna-se mais evidente.

Assim, ao analisar o desenvolvimento das práticas de leitura, percebe-se que a escola é vista como um dos principais ambientes de formação leitora e letramento formal. Cabendo a essa instituição não apenas promover o letramento, mas propiciar vivências das aprendizagens pela leitura, configurando-se como espaço de compreensão de mundos, ultrapassando as barreiras dos muros escolares e adentrando a vida social, preparando o indivíduo para o reconhecimento de si e sua inserção na transformação da sua realidade. Nesse viés, as práticas de leituras são redimensionadas para que o sujeito leitor, torne-se autônomo, crítico, que utilize a linguagem com proficiência nas interações com o mundo e consigo; e a partir da linguagem, possa refletir sobre sua identidade e as múltiplas identidades que permeiam o seu contexto de vivências.

Kielb e Silva (2020) evidenciam que as práticas de leituras no contexto escolar, mediadas intencionalmente, podem adquirir amplitudes e dimensões relevantes no que tange a construção e formação das identidades. O encontro com diversas realidades e contextos, suscitado na leitura de contos, abrem possibilidades de outros olhares, pela identificação com os personagens, situações, ações ou sentimentos. Faz refletir sobre valores, ideais e moralidade ética. Assim, a criança, provocada pela linguagem imaginativa, coloca-se na narrativa na busca pelo entendimento das suas emoções e das tramas que a vida a engendra. Desta forma, a leitura é um caminho para pensar sobre si e sobre as relações que estabelecemos com o outro (Kielb, Silva, 2020, p.27).

Para Silveira e Reis (2017), a leitura continua a passar e ser mestre de cerimônia das discussões. Porém, os espaços se diversificam, dando maior posicionamento a leitura em seu poder de construir e transformar identidades, como elemento que revigora o reconhecimento de si, mesmo nos diversos ambientes formais e não formais. Em síntese, a leitura passa a ser lugar de acolhimento e reconhecimento, propulsora das vozes do sujeito, encorajando-o a refletir sobre sua maneira de ser e estar no mundo, reformulando uma representação que o defina e que o legitime. Assim, a reflexão sai dos corredores da escola e envereda por outros espaços.

Santos (2021), assim como Silveira e Reis (2017), também ratifica a importância das bibliotecas públicas como espaço de leitura, permitindo o acesso aos diversos públicos, contemplando diversas funções leitoras. No trabalho em questão, é proposto a utilização do livro infantojuvenil *Pássaro que voa*, de Claudio Hochman², que reúne uma série de histórias que podem sensibilizar, no caso específico, crianças, sobre a migração e todas as questões disruptivas que esse processo pode acarretar. Segundo Santos (2021), a leitura é vista como instrumento que viabiliza a autoaceitação e compreensão de sentimentos internalizados, como não pertencimento, perda, medos e traumas, atuando como terapia, reelaborando crises psíquicas, promovendo reencontros e reelaboração com sua identidade.

Para Silveira e Reis (2017), a relação que sujeitos estabelecem com a leitura nas bibliotecas públicas torna estes espaços reconhecidos como referenciais identitários de seus leitores e usuários. Considera-se que a leitura, nas diversas esferas, tem um compromisso social, pois dá sentido à vida dos sujeitos. Tendo em vista que eles “existem” porque se reconhecem nos espaços e nos discursos, porque constroem sentidos para sua vida e sua história, fazendo parte da sociedade e contemplando acesso aos seus bens disponíveis. Nas palavras dos autores, os sujeitos “são chamados a elaborar um discurso, uma imagem sintetizadora de si e da sua história de vida. Em outros termos, de pensarem, identificarem e expressarem seu lugar no mundo.” (Silveira; Reis 2017, p.133)

Apesar de Silveira e Reis (2017) e Santos (2021) trazerem como foco principal as bibliotecas públicas como lugar de produção e de ancoragem intersubjetiva de discursos identitários, não se pode esquecer que esse é um espaço de preservação de memória, circulação e práticas de

² Claudio Hochman, nascido em Buenos Aires, docente de Teatro, encenador e autor do livro *Pássaro que voa*, que reúne 50 pequenas histórias baseadas em depoimentos que falam sobre migração, um misto de ficção e realidade.

leituras que viabilizam experiências de sociabilidade enraizadas por livros, num movimento de lazer e aprendizagem que “alimentam um conjunto de referências práticas, simbólicas e afetivas que permitem a um usuário singular, tanto quanto a uma sociedade inteira traçar uma imagem ou constituir um discurso, uma representação definidora de si mesmos” (Silveira, Reis 2017, p.136)

Assim, compreende-se que as práticas de leituras estão presentes em diversos espaços sociais, formais e não formais, não somente no espaço escolar, e isso não diminui sua função de construir identidade e fazer refletir sobre o mundo e sobre si, num papel humanizador de seus significados. A leitura, dessa forma, expressa-se como elemento de concretização das experiências de vida dos sujeitos, um espaço para que particularmente cada um defina uma representação de si, do mundo que os cercam de forma discursiva e subjetiva.

Com base nisso, os trabalhos caminham na direção de evidenciarem os diversos espaços de circulação da leitura, mas notadamente, aponta para a instituição escolar como espaço consciente e planejado para o desenvolvimento de práticas de leituras que contemplem uma educação para visibilidade das diversas culturas e valores que são caros à formação das identidades sociais.

Corroborando com essa perspectiva, Souza (2016) salienta que a escola, como espaço de interação e valorização das experiências educativas dos sujeitos, não pode ser pautada em uma prática “fora da vida”. Como esfera social de letramento, a escola abre possibilidades para que os sujeitos participem dos processos de aprendizagens para além desse cenário.

Vê-se, portanto, que apesar da leitura mediar as atividades humanas, a escola é vista como principal responsável por promover práticas de letramento crítico para a formação do sujeito e seu reconhecimento cultural identitário; uma vez que essa representa não apenas espaço de aprendizagens de saberes, mas ambiente de legitimação e relações de poder. Isso porque é a escola é um espaço onde se propõe transgressões e acordos, num movimento de resistência e reconhecimento, construído pelos sentidos enunciados do sujeito.

A relação entre leitura e identidades

No diálogo com a leitura, o sujeito percebe possibilidades de identificação e posicionamento que podem influenciar e fazer refletir sobre comportamentos, ideias e estado de espírito, ou seja, construir novos significados sobre si e sobre a realidade que o cerca. Pela identificação, tem-se a oportunidade de problematizar e refletir sobre conflitos internos que permeiam o desenvolvimento do sujeito, fomentando referências identitárias relevantes para a construção de elos sociais de pertencimento e autoaceitação, conduzindo a aprendizados plurais.

Alguns autores desta revisão apontam:

Por meio do acesso à leitura e narração de contos de fadas, as crianças podem vivenciar diversas experiências, revelando a importância, social e de formação, da literatura no desenvolvimento dos sujeitos em sua integralidade (Kielb, Silva, 2020, p.28).

Já Marino et al. (2020), traz relevantes considerações sobre o desenvolvimento de trabalhos com a leitura literária enquanto prática social, que vislumbre aos discentes pensar seus espaços locais por meio da leitura crítica, como atividade que perpassa as atividades humanas e (re) constroem sua identidade. “A sala de aula é um ambiente que acolhe múltiplas identidades e toda essa pluralidade são mediadas pela língua/linguagem, seja ela escrita ou falada” (Marino et al., 2020, p 144). A partir dessa perspectiva, os autores discutem sobre como a escola pode intervir nesse processo de formação para o letramento crítico, que emancipem o sujeito e lhe deem autonomia.

A esse respeito, Vovio e Firmino (2019) comentam que as vozes sociais se constituem pelos sistemas de significações culturais. Estas vozes determinadas em tempos e espaços sociais, organizam esse sistema simbólico, permitindo a formação de novas vozes e novos sentidos para as existentes, por grupos socialmente organizados (Vovio; Firmino, 2019, p. 6). Assim, as práticas de

leitura constituem um elemento que viabilizará a reflexão desses sistemas de significações. Pela leitura, o sujeito leitor se aproxima e se afasta das representações ali contidas, reelabora o seu olhar sobre o seu contexto e reafirma sua identidade.

Nesse sentido, as práticas de leitura acolhem as múltiplas identidades e promover o confronto, levando o leitor a se identificar ou não, ao passo que tais práticas concretizem uma educação para sociabilidade, socialização de conhecimentos e intervenção no mundo, reconhecendo quem somos, em meio as diversidades, em uma tomada de consciência sobre as identidades.

De acordo com Paula e Macedo (2021),

é preciso estar envolvido em práticas de leituras para ficar munido de instrumentos na luta por uma sociedade mais justa e sem desigualdades de gênero sem preconceitos, discriminação e intolerância, mas com respeito e empatia para com as diversidades presente na sociedade contemporânea (Paula, Macedo, 2021, p.2).

Isso posto, acredita-se que as práticas de leituras podem provocar, verdadeiramente, uma travessia existencial, em que na ação da leitura, a obra literária é posta em questionamento, e esta põe em xeque o leitor, o sentido do humano e suas relações. A leitura, assim, torna-se porto seguro e acolhimento dos sentimentos que provocam o processo de transformação das identidades, validando-os e evitando as fraturas psicossociais que tais transformações podem ocasionar.

Para Kielb e Silva (2020), a leitura, mas especificamente, contos de fadas, pode ser compreendida como uma mediação entre o mundo imaginário e o contexto próprio dos sujeitos. É, pois, pela imaginação que criamos e construímos nossas experiências, nos constituímos, formando e transformando nossa identidade como sujeitos culturais.

O estímulo à imaginação constitui fator imprescindível à construção e formação da identidade dos sujeitos, uma vez que a linguagem imaginativa representa os conhecimentos objetivos e subjetivos. Imaginar é refletir, construir novos saberes e estabelecer vínculos de identificação com as especificidades do nosso ser, da nossa realidade, do nosso contexto de vivências, ampliando o olhar através da fantasia, questiona o real e traz novas possibilidades de se pensar e se perceber (Kielb, Silva, 2020, p.18).

Nesse mesmo consenso, Carvalho e Ferraz (2019) entendem que o leitor, por meio de um sistema de signos, estabelece relação com o real, à medida que o manifesta em realidades, pois os sentidos das interações são revelados no diálogo entre autor e texto, mas também com o contexto e o mundo a qual pertence. Assim, a leitura se dá nas suas vivências cotidianas, nas diversas esferas sociais, como algo imprescindível à formação cidadã, que se desvela em acontecer como mundo.

Desse modo, a leitura representa um caminho para se pensar as representações identitárias, uma vez que essa aguça nos sujeitos um movimento reflexivo sobre si e sobre o mundo, que estabelece identificação ou afastamento dos sentidos proposto no diálogo entre texto e leitor, propondo (re)construção e formação de novas identidades.

Concepções de leitura utilizadas na abordagem identitária

A leitura envolve o desenvolvimento da reflexão e o diálogo social, pelo fomento da atividade imaginativa, reestrutura o lugar social dos sujeitos, estabelecendo um elo entre o leitor e o mundo possível. O livro encaminha uma discussão para além das palavras, mas como essas podem se relacionar ao mundo, não pela compreensão, mas pela possibilidade de questionar e criticar para compreender e ampliar seu repertório cultural.

Denota-se, portanto, que as práticas de leitura, no viés identitário, confluem para uma concepção de leitura como prática social, consciente e comprometida com a realidade que cerca o sujeito leitor.

Para Marino et al. (2020), o processo de leitura é uma possibilidade de ampliação do conhecimento de mundo. Pela leitura, constrói-se sentidos, que são demandados não pela

decodificação das palavras, mas pela forma como elaboramos e reelaboramos o nosso modo de ver e vivenciar as experiências. Toda essa construção de sentido se manifesta pela compreensão textual que se constrói do texto lido, articulada com as diversas linguagens que permeiam nosso contexto social (Marino et al., 2020, p.136).

É nesse sentido que o educar poético apresentado por Carvalho e Ferraz (2019) redimensiona as práticas de leituras, fazendo com que essas, ao mesmo tempo, sejam comprometidas, mas também represente liberdade. Pelo respeito as múltiplas subjetividades dos sujeitos, revigora o acontecer da linguagem a partir do real que se encontra ali a cada leitura, a cada construção do sujeito sobre si, sobre seu espaço, nesse inter-relacionamento do leitor com a realidade, no ânimo da leitura.

Assim, por se falar da força subjetiva das leituras, que provoca tensões e situa os indivíduos, traz-se à tona e evidencia conceitos como reexistência e existência. Souza (2016) evidencia em seu texto o poder da leitura no enfrentamento às adversidades como preconceito, discriminação, e como elas podem legitimar as diversas identidades sociais dos sujeitos leitores, influenciando trajetórias de vidas, a partir do uso social da linguagem. Carvalho e Ferraz (2019) também trazem a fala de Rouxel (2012) como pressuposto teórico, e asseguram função da leitura como lugar de existência, indo além da expressão do sujeito leitor, mas constituindo esse leitor como sujeito da sua história, num exercício pleno de sentir o mundo e as coisas do mundo a partir da leitura.

Como aponta Carvalho e Ferraz (2019), os textos literários representam a realidade vivida e almejada. Assim, a partir da leitura, o leitor reflete sobre sua condição, enquanto indivíduos sociais, colocando-se no texto, num movimento de conhecimento e (re)construção de si e do outro. O texto, enquanto arte literária, não representa a realidade, mas é lugar de manifestação da realidade que nele se denota e orienta o leitor em busca da sua existência. Nesse sentido, a leitura é compreendida pelos autores como “atividade ontológica de construção de si” (Carvalho; Ferraz, 2019, p.174).

A leitura, dessa forma, é uma busca de encontro do sujeito com a sua realidade, mediada pelo texto, uma relação entre leitor e texto, em que a obra literária ultrapassa meras decodificações de palavras e propõe uma transformação de si e do estar no mundo. Igualmente, pressupõe realidades desconhecidas ou intocadas, consideradas, muitas vezes, estressantes e angustiantes pelo leitor.

De acordo com Santos (2021, p.11),

ao optar por explorar estes medos em lugar de negá-los, o livro valida-os, oferecendo aos leitores não apenas a chance de refletir e dialogar sobre eles, mas mostrando-lhes que são comuns, são sentidos por todos, são normais (Santos, 2021, p.11).

Por este viés, evidencia-se a concepção de leitura como prática social, em que essa está atrelada aos eventos do cotidiano, favorecendo a reflexão sobre a realidade vivenciada pelos sujeitos, oportunizando uma fuga ou resistência às adversidades, a partir de uma intervenção na sua forma de agir social e posicionar-se no mundo, buscando seu lugar de fala, sua própria existência e visibilidade.

Considerações Finais

Esta revisão integrativa identificou as ações desenvolvidas em torno das práticas de leituras que se vinculam à formação e transformação das identidades. Evidencia-se que as práticas de leituras podem ser desenvolvidas nos diversos espaços, porém a escola é o principal ambiente para o estímulo à leitura no viés identitário, desvelando práticas de letramentos críticos que promovam a visibilidade dos sujeitos e a legitimidade das identidades, como movimento de existência e reexistências.

Essa constatação, portanto, denota que os sujeitos, professores, ou pessoas envolvidas

em torno de pesquisas educacionais, consideram o letramento crítico como caminho para uma educação que visa promover formação e transformação das identidades, legitimando-as, contemplando visibilidade e espaço de voz aos sujeitos.

Nesse sentido, as práticas de leitura podem sensibilizar a construção e transformação das identidades, engendrando laços de solidariedade, a partir de um trabalho intencional que considere as vozes do sujeito leitor e seu contexto de vivências, em que esse possa assumir sua posição de construtor dos sentidos e significados nos textos. Assim, as práticas de leituras devem ser direcionadas por um olhar para contemplar a liberdade, a criatividade, o fazer pensar sobre si, sobre o mundo e sobre as realidades para intervir e propor mudanças sociais.

Como prática de liberdade, a leitura, muito além de decodificar palavras e representar a realidade, deve ser a própria realidade ali expressa e construída, com todas as suas subjetividades, com todos os seus conflitos e confrontos, imprimindo individualidades na coletividade. Por esse viés, o trabalho com os textos literários deve ser um processo mútuo, em que o sujeito constrói o texto e ao mesmo tempo é sensibilizado por ele, para construir sua identidade sócio-histórico-cultural.

Desta forma, repensar as identidades a partir de práticas de leituras é possibilitar essa reflexão mediada pela língua e linguagens, em que os discursos possam encontrar ressonância, desvelar quem somos e o que nos constituem, posicionar os sujeitos no mundo como seres sociais, revelando maneiras peculiares de intervenção e apropriação da realidade.

Com base nas pesquisas mapeadas, considera-se que as práticas de leituras podem sensibilizar a construção e transformação das identidades, a partir do fomento às leituras críticas e reflexivas, seja na escola ou nos diversos espaços de circulação, podendo agir como terapia para questões psíquicas e emocionais. Dessa forma, a leitura é capaz de levar o sujeito leitor a refletir e compreender as diversas realidades e identidades, estimulando o pensamento, em diálogo com a igualdade social. Com isso, a leitura representa uma via de análise dos valores sociais e transformação das identidades, propiciando a participação consciente do indivíduo na vida social, já que esse tem acesso ao conhecimento, às informações e, conseqüentemente, a um lugar privilegiado na esfera sócio-histórico-cultural da sua comunidade.

Por fim, este estudo abre espaços para novos questionamentos, as reflexões não se encerram. Espera-se que novas possibilidades de pesquisas surjam a partir dessa leitura. Que este trabalho impulse ainda mais o pensar as identidades por meio das práticas de leituras e sirva de embasamento para futuras pesquisas.

Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARVALHO, Taís Salbé; FERRAZ, Antônio Máximo Gomes. A leitura literária como travessia para um educar poético. **Revista Entreletras** (Araguaína), v. 10, n. 2, jul/dez2019(ISSN2179-3948–online). Disponível em: [Vista do A LEITURA LITERÁRIA COMO TRAVESSIA PARA UM EDUCAR POÉTICO \(uft.edu.br\)](http://Vista.do.A.LEITURA.LITERÁRIA.COMO.TRAVESSIA.PARA.UM.EDUCAR.POÉTICO(uft.edu.br)). Acesso em: 01 nov.2021

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SANTOS, Juliana Garbayo dos. O papel da leitura na (re)construção da identidade da criança migrante: o exemplo de Pássaro que voa, de Claudio Hochman. **Alabe Revista de Investigación**

sobre **Lectura y Escritura**, [S. l.], n. 23, 2021. DOI: 10.15645/Alabe2021.23.9. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7666>. Acesso em: 5 abr. 2022.

Hochman, Claudio. **Pássaro que voa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

KIELB, Eliziane Gorete; MENDES SILVA, Ivone Maria. Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância: implicações para a formação identitária e a constituição das crianças como sujeitos sociais e de conhecimento. **Pensares em Revista**, [S.l.], n. 18, maio 2020. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/48082>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

LEMOS VOVIO, Claudia; ARMADA FIRMINO, Estevão. A construção de identidades étnico-racial em eventos de letramento numa escola pública municipal de São Paulo. **Revista Íkala**, Medellín, v. 24, n. 2, p. 307-327, agosto 2019. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-34322019000200307&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2021.

MARINO, Francesco; LATTIES, Lílian; CARDOSO, Juliana Leão. Entre letramentos e a construção de identidades: o texto literário amapaense nas aulas de língua portuguesa. **Revista Working Papers em Linguística**, 21(2), Florianópolis, mai./ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/71279>
Acesso em: 31 out..2021.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt>
Acesso em 14 nov. 2021.

PAULA, Verônica Souza; MACEDO, Reginete Sabino de. A leitura uma ferramenta emancipadora: na busca pela igualdade de gênero. **REVES - Revista Relações Sociais**, Vol. 04 N. 03 (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/reves/article/view/12771> Acesso em: 31 out.2021

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a leitura**: uma nova perspectiva; tradução de Celina Olga de Souza – 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura**: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução adaptada, com a devida autorização, de “Pratiques de lectures: quelles voies pour favoriser l’expression du sujet lecteur?”, publicado em *Le Français Aujourd’hui*, Paris, v. 2, n. 157, p. 65-73, 2007. CADERNOS DE PESQUISA v.42 n.145 p.272-283 jan./abr. 2012 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vbgD8LhYccYxjFYf93P4Kwq/?lang=pt> Acesso em: 2 dez. 2023.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA Michelly Dias da; CARVALHO Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**. 2010; 8(1 Pt 1):102-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt> Acesso em:02 nov.2021.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para reeducação

das relações raciais na escola. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 67–76, 2019. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/_linguagememfoco/article/view/1908. Acesso em: 1 nov. 2021.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Venho aqui para existir: um exercício de leitura acerca das relações entre biblioteca pública, sociabilidade, enraizamento e identidade. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, v.22, n.4, p.114-139, out./dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/CQ_YP5Yqkq8HgGqHJK8Q44cg/abstract/?lang=pt Acesso em: 31 out. 2021.

Recebido em 17 de maio de 2022.

Aceito em 23 de maio de 2023.